



A Illustração Portuguesa

SEMANARIO

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Alberto Pimentel; Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; Eugenio de Castro; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha; Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); Joaquim Lima; J. M. da Costa; J. C. Machado; L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Silva Pinto; Thomas Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc

SUMMARIO

TEXTO:—*Chronica*, por Azulay.—*As intrigas da emigração*, (continuação) por Pinheiro Chagas.—*Perfis*, versos, por Luiz da Silva.—*Co-meço de um reinado*, por Marques Gomes.—*Ignorante*, conto, por Magalhães Fonseca.—*As nossas gravuras*.—*Em familia* (*passatempos*)—*Um conselho por semana*.—*A rir*.—*As parisienses*, por D. Guiomar Torrezão.—*Na aldeia*, conto, por Eduardo Frias.

GRAVURAS:—*O general Caetano Alberto Maia*—*A princeza Leticia*—*Morte de Marco Antonio*.—*Luiz Guimarães*.—*Abadia de Saint Riquier*.

CHRONICA

Lisboa, a soberba Lisboa do futuro, não póde ainda com o seu rutilante sol peninsular e as aguas azues do seu magestoso estuario, reter prisieneiros dos seus encantos, durante a estação calmosa, os seus conselheiros, os seus litteratos e artistas, a sua mocidade dourada.

Não póde, e por esse motivo debandam, em procura de sombra, de frescura e de ar campestre, os que obtiveram tres mezes de licença ou o acceite de uma lettra. Tudo debanda: até a opposição parlamentar, que parecia querer perpetuar a tradição da velha guarda napoleonica em Waterloo.

Agora só restam, nas redacções, jornalistas desesperados, á cata de assumpto nos theatros, artistas melancolicos com falta de publico; na Avenida, uma poeira admiravel, com falta de quem a receba.

A cidade parece mergulhada n'essa somnolencia escaldante das grandes povoações mouriscas. Nem uma parada de 24 de julho, nem uma marcha *aux flambeaux*; atraz de algum artista celebre, nem uma entrada triumphal de exploradores africanos, nem uma visita de rei estrangeiro.

Comprehendemos agora, porque almas contemplati-

vas, pedem simultaneamente aos céos e ao parlamento o restabelecimento dos frades. Estão influenciadas pelo meio soberanamente morno d'esta magnifica cidade, onde toda a gente se aborrece. Prova-o, com uma eloquencia um pouco sinistra, o numero prodigioso de suicidios que a chronica diaria registra. Desde o amor louco, até á dôr sombria do desespero e da desillusão.

Como deve ser triste aos vinte annos, em plena luz da vida, na ante-camara da descrença, na vasta floresta dos sonhos, no turbilhão dos prazeres ideaes, nas supremas generosidades e nas supremas expansões, pôr de subito um amargo ponto final na existencia!

Que almas fracas e infantis são essas, que se apavoram á entrada do campo da batalha!



O GENERAL CAETANO ALBERTO MAIA

Compreende-se o vencido da vida, na medonha e affrontosa lucta pela existencia. Quando já nada lhe resta no torrão que o viu nascer, elle — alma estreita e pequenina, em vez de se recordar que o mundo é grande, tão grande, que apenas a quinta parte está explorada, suicida-se agarrado á terra, á cidade, á villa, voltando a transformar-se em arvore, em planta, em insecto.

Mas o que lança na vida moderna essa tempestade de desanimo, que tudo avassalla, é ver a juventude, a que tudo sorri, trocar o azul dos seus sonhos pelas trevas do tumulo.

E' grave a doença moral que atravessa a sociedade. O desequilibrio de educação e de fortuna, gera essa raiua desmedida que se traduz na destruição e no crime. Todas as leis convencionaes de repressão são inuteis, todas as declamações philosophicas inattendidas, todos os esforços philanthropicos impotentes para deter o mal, para avassalar a torrente humana.

Os que dispõem do poder, sentem que elle lhe estala nas mãos, ante a multiplicidade, cada vez maior, das responsabilidades creadas por uma sciencia investigadora e por uma industria suffocante.

Em poucos annos, temos triplicado de população na Europa e centuplicado as commodidades e exigencias da vida. Esmagamo-nos uns contra os outros. Eis o nosso mal. Urge que, em vez de invocarmos em nossos templos o deus das batalhas, o que é um sacrilegio, invoquemos á luz clara da natureza a humanidade; e prescindindo de derramar, de encontro ás fronteiras, ondas de sangue innocente, derramemos nas partes inexploradas do globo, ondas de povo faminto.

Só assim curaremos essa terrivel epidemia do desanimo, que faz de cada mancebo um triste e de cada rapariga uma infeliz.

Um povo que não ri, é um povo morto. O que poderemos suppor de um povo, cuja visivel preocupação é dar cabo de si mesmo? De um povo que manda construir predios de oito andares, não para parodiar a torre de Babel, mas para os transformar em rocha Tarpeia? De um povo que emprega os phosphoros, não para acender os seus cigarros, mas para os engulir, diluidos em agua, como a mais diabolica das limonadas?

Senhores, um povo que tem taes aberrações, precisa de um remedio energico. Façam favor de dar-lh'o as almas compassivas.

O norte!

O norte, é o grito de guerra que resôa aos ouvidos como um clarim de combate.

Ao passo que Lisboa entristecida, devora a sua poeira e a sua intriga politica, ambas microbianas e deletérias, o Porto, rejuvenescido pelo Mazzantini, aquecido pelo Tinoco e afidalgado pelo Carlos Relvas, envergonha-nos aos olhos da peninsula toda.

E não contente com este triumpho de alegria e castanholas, o povo quer ainda o Frascuelo e todos os reis do toureio!

Aonde é que vae parar o Porto? Trememos, só de o pensar.

A alegria dos descendentes dos heroes da Serra do Pilar, é indiscriptivel: metteram Lisboa a um canto. E para a victoria portuense ser completa, as gazetas declaram que já se principiou a arrancar a tubagem do gaz no vetusto barracão da praça do Campo de Santa Anna.

Lacrimæ rerum...

Temos, é verdade, para mitigar a nossa vergonha, um sexteto de senhoritas, no theatro da Trindade.

Foi habil o Francisco Palha. Hespanhoes contra hespanhoes. Mas...

Temos ainda no Colyseu mais um *refuerzo á Murillo*, mas nada se póde comparar ao que se passa no Porto, onde uma população, que os moralistas diziam odiar as touradas, corre a ellas pelo dobro do preço a que está habituado o lisboeta.

Se isto não é franco e rasgado entusiasmo—entusiasmo *pur sang*, então...

Pessoas das mais graves, da nossa parochia, poderão dizer-nos que temos, em compensação, quem se interesse por nós, ao ponto de matar com um imposto a pernicioza industria da manteiga com margarina.

A manteiga, como todos sabem, é o alimento ou antes o almoço quasi exclusivo da população de Lisboa. As *torradinhas com manteiga* são uma das nossas maiores glorias, nos dominios da poetica e da culinaria.

Compreende-se um conselheiro ou um parlamentar sem idéas, nunca sem torradas com manteiga, ao almoço e á ceia.

Admitte-se um escriptor ou um artista sem assumpto, jámais sem torradas.

E' por isso que tem o mais vasto alcance, para Lisboa, uma lei destinada a rehabilitar o alimento da nossa predilecção, depois da alface.

Podemos atirar triumphantes ao Porto o nosso repto hygienico e dizer-lhe: «*Contra hespanhoes... manteiga*», o que os fará morrer de inveja, porque as praças de touros passam—e a prova é a de Sant'Anna—e só as torradas são immortaes.

AZULAY.

AS INTRIGAS DA EMIGRAÇÃO

II

Antes de dizermos algumas palavras acerca das cartas de D. Leonor da Camara, que o sr. Pedro Dias tambem publica, faremos algumas breves observações ao interessante artigo que fecha o folheto, e que se intitula *Algunas correccões, esclarecimentos e additamentos ao catalogo das obras nacionaes e estrangeiras relativas aos successos politicos de Portugal, nos annos de 1828 a 1834 pelo sr. Ernesto do Couto*.

A primeira parte d'esse artigo intitula-se *Recificações e esclarecimentos*. Temos a fazer as seguintes observações:

Nos additamentos e esclarecimentos referidos a Joaquim Carlos Fernandes do Couto, *Amostras* etc., diz o sr. Dias: «Em exemplar que lhe pertenceu, escreveu Thomaz Norton que, este impresso appareceu nos fins de dezembro de 1831, e que Isidoro Francisco Guimarães (*mais tarde Visconde da Praia Grande de Macau*) é auctor de algumas d'estas obras.»

Ha equívoco resultante de semelhança de nomes. O Isidoro Francisco Guimarães, que podia ser auctor de cartas impressas em 1831, foi um distinctissimo official de marinha, que exerceu commandos importantes, tomou parte em negociações difficeis, e representou um papel honrosissimo para Portugal, na intervenção que teve por fim, serenar os tumultos do Para, em época pouco posterior á fundação da liberdade em Portugal. Era familiarmente conhecido pelo nome de *Isidorão*. Nunca foi visconde; quem teve o titulo de visconde da Praia Grande de Macau, foi seu filho, *tambem chamado Isidoro Francisco Guimarães*, que foi ministro da marinha no gabinete da fusão, que governou Macau, e que morreu ha pouco mais de cinco annos, sendo director geral da marinha n'esse ministerio.

A proposito do que se diz no catalogo, referente á *Carta dirigida ao padre Amiro*, e ao que se conta de Joaquim Ferreira de Freitas (conhecido pelo nome de *Padre Amiro*) folgariamos de que o sr. Pedro Dias, tivesse citado um estudo interessantissimo acerca d'este homem publicado pelo nosso amigo o sr. Zacharias d'Aça no *Diccionario Popular*, e reproduzido—só então com a sua assignatura—no *Diario da Manhã*. O pae do sr. Zacharias d'Aça fôra amigo intimo e companheiro inseparavel do *padre Amiro* na emigração. As conversações d'este honrado e intelligente velho com seu filho, muitos papéis e documentos que lhe deixou, habilitaram-no a escrever um completissimo estudo, que não póde deixar de ser consultado, por todos os que pretenderem conhecer a fundo a curiosissima historia da emigração liberal.

Bastante teríamos que dizer a respeito das deficiências d'este catalogo, se elle mesmo não fosse já uma emenda e additamento a outro mais completo—o do sr. Ernesto do Canto. Não podemos saber por exemplo se, ao passo que se cita uma satyra em verso francez, dirigida ao senhor D. Miguel, em 1829, se cita igualmente outra, intitulada *Les mules de Don Miguel*, e que é devida á penna de Barthélemy e de Méry, os energicos redactores da *Nemesis*.

Passemos porém ás cartas de D. Leonor da Camara.

*

A publicação d'essas cartas, mais uma prova nos traz de como é profundamente ignorada a historia portugueza d'estes ultimos tempos. Conhece-se a historia official, ignora-se a historia intima, que é essencialissima.

Para a fazer, é necessario consultar esses milhares de folhetos que appareceram durante a emigração, as reminiscencias pessoais dos que conheceram esses factos e que são já rarissimos, muitos archivos particulares, muitos papeis cuja importancia é hoje desconhecida.

Ha pouco tempo que o nosso amigo, o sr. Zacharias d'Aça a cujo brilhante estudo acerca do *Padre Amaro*, ha pouco ainda nos referimos, nos mostrou um manuscrito curioso, que lhe foi parar a casa, vindo de uma drogaria a embulhar um medicamento qualquer. Era, nem mais nem menos, do que um officio original, com o numero de ordem 14, dirigido pelo duque de Palmella e por Luiz da Silva Mousinho de Albuquerque, que então se achavam em Londres, a Agostinho José Freire, que então era ministro da guerra. Lá vimos as bem conhecidas assignaturas d'esses dois homens eminentes.

A carta referia-se principalmente a estes financeiros e de passagem, tocava na nomeação do general francez Solignac para o commando do exercito liberal no Porto, nomeação em que todos tinham tanta esperanza e que tão completamente infructifera foi.

Quantas outras cartas importantes e valiosas não estarão na tal drogaria embulhando todos os dias aservas medicinaes, e os unguentos!

Quem se importa com isso? Importa-se o governo que devia olhar com interesse supremo para a conservação dos seus archivos? Importam-se os particulares que tanto se deviam ufanar de possuir documentos valiosos para a historia do seu paiz? Importam-se os historiadores, largamente remunerados para fazerem investigações, que nem sequer comprehendem?

E tudo assim vai.

O caso de D. Leonor da Camara é curioso, e pena temos nós, de não termos a esse respeito, n'este documento, senão dados muito perfunctorios. As cartas são uns protestos energicos e ardentés de D. Leonor da Camara contra a sua expulsão do Paço, onde era a aia, a preceptora a educadora da juvenil rainha.

D. Leonor da Camara fôra indicada a D. Pedro, por todos os que a conheciam, como a melhor preceptora que a rainha podia ter. Justificou todas essas esperanças, e a vida inteira de D. Maria II é a prova mais cabal do modo admiravel como tinham sido educados o seu coração e o seu espirito. Lembremo nos que a rainha veio para a Europa com menos de dez annos, que perdéra sua mãe, que viveu muito tempo longe de seu pai, que este, além d'isso, era ainda tão rapaz, tão occupado de coisas muito differentes da educação de sua filha, que era a sua educação moral aquillo a que elle menos attendia, que enfim, tendo casado seu pai pela segunda vez, a madrasta que a rainha de Portugal assim veio a ter, era tambem quasi uma criança e nenhuma influencia podia ter na direcção do character da sua enteada; pense-se pois em tudo isso, pense-se tambem no admiravel typo de mulher, de rainha e de mãe de familia, que D. Maria II foi incontestavelmente, e reconhecer-se-ha que a senhora, a quem ella deveu uma educação tão forte e tão sã, era incontestavelmente uma pessoa notavel e prestára taes serviços á sua educanda e ao pai que lh'a confiara, que não era justo corresponder-se-lhe com a ingratição que vamos ver.

D. Leonor da Camara estivera com a rainha em França e em Inglaterra, enquanto D. Pedro IV partia para os Açores e combatia no Porto. Em julho de 1833 cahia Lisboa nas mãos dos liberaes, e D. Pedro, saindo logo do Porto para vir tomar posse da capital do reino, dava ordem para que sua filha viesse ter com elle. Veio, e um ou dois mezes depois, D. Leonor da Camara era despedida do serviço da sua educanda.

Porque? Diz-se que fôra por combater a idéa de um casamento da rainha. Não temos agora elementos para podermos apreciar os factos, mas o que immediatamente occorre ao nosso espirito, é o seguinte:

E' muito provavel que as pessoas que rodeiavam a imperatriz Amelia, e que a familia d'esta princeza fizessem o maximo empenho em que a joven rainha casasse com o principe Augusto de Leuchtemberg. Era irmão da imperatriz, vinha a ser verdadeiramente rei de Portugal, porque ninguém adivinhava qual havia de ser o character de uma rainha, que fazia então quatorze annos, e por conseguinte, suppunham todos, de certo, que o principe con-

sorte seria o verdadeiro rei, e era naturalissimo que a imperatriz e os seus aulicos tratassem de fazer vingar uma combinação, que ia augmentar consideravelmente o poder e a influencia d'essa familia, que era a familia do principe Eugenio, e que estava por conseguinte, depois da queda da familia Bonaparte, n'uma posição pouco brilhante.

Oppôr-se-hia D. Leonor da Camara a esses projectos? E' bem natural, e tanto mais, quanto a idéa do casamento da rainha com um estrangeiro era muito mal recebida pela maioria dos Portuguezes liberaes. Por conseguinte levantar-se-hia no Paço, nomada d'essa rainha exilada, uma intriga contra D. Leonor, movida pelo partido da imperatriz. Logo que todos chegaram a Lisboa, que o imperador pôe saber o que se passava, veio naturalmente uma resolução precipitada, como era propria do character arrebatado do soberano. Mas o imperador, novo e ardente, com um temperamento voluptuoso, que, antes de casar com a sua primeira mulher, escrevia ao imperador de Austria, que ia ser seu sogro, uma curiosa carta em que lhe dizia que o seu temperamento não lhe permittia esperar muito tempo um matrimonio que se ia demorando, o imperador, pois, não hesitou em satisfazer todos os caprichos da sua gentil mulher, e um d'elles foi de certo o da despedida de D. Leonor da Camara. O imperador, despótico e violento, não hesitou, entendeu que bastava, para doirar a pillula, dar uma pensão de um conto de réis e a banda da ordem de Santa Isabel a D. Leonor. Mas esta, nas cartas admiraveis de energia e de nobreza que escreveu a D. Pedro IV e ao ministro do reino, declara positivamente que não acceita dadas, nem ordem, nem pensão, que acceita os seus ordenados, que lhe conservam, porque tem direito a elles, e que não sae do Paço da sua pupilla sem que a ponham fóra:

«Julgava eu, diz ella, que V. M. conhecia bastante os meus sentimentos, para saber de certo que não ha dinheiro que me possa tentar e supprir no meu coração a falta da Rainha, a quem amo mais que tudo, e da qual só a violencia e a força me podem separar.»

O imperador, com a sua energia soldadesca, era incapaz de ceder diante d'esta nobre e energica attitude de senhora; mandou-lhe em resposta verbal que saísse impreterivelmente do Paço, no dia seguinte ao meio dia. D. Leonor saio, declarando terminantemente que não queria nem pensão nem ordem. Accusavam n'a de anti-constitucional! A accusação era tão divertida, que D. Leonor lembrava com fina ironia, que D. Carlota Joaquina tambem a despedira do Paço, mas essa despedira-a, por ella ser aberrantemente constitucional.

E' muito curioso este incidente da nossa historia moderna.

PINHEIRO CHAGAS.

PERFIS

IGNEZ

No seu *coupé*, recostada,
Ella vae buscando amor,
Muito risonha, e embulhada
Em *pelisses* de valar...
No seu *coupé*, recostada,
Ella vae buscando amor...

Quem é? dizem—E' a Ignez,
Uma formosa mundana,
Que durante uma semana
Gasta contos ao marquez...
Quem é? dizem.—E' a Ignez,
Uma formosa mundana.

E ella goza essa riqueza,
Que docemente a conforta,
A' que venha a pobreza
De novo bater-lhe á porta.
E ella goza essa riqueza,
Que docemente a conforta...

LUIZ DA SILVA.

COMEÇO D'UM REINADO

I

Na camara dos deputados, pouco depois de aberta a sessão de 18 de setembro de 1834, foi lida pelo presidente, D. fr. Francisco de S. Luiz, uma carta do regente, o duque de Bragança, dada de Queluz, d'esse mesmo dia, e cujo teor era o seguinte:

«Senhores deputados da nação portugueza. Sempre franco e leal aos meus juramentos, e obedecendo á voz da minha consciencia, vou participar-vos que, tendo hontem cumprido com os deveres de filho da igreja catholica, e de pae de familia, julgo tambem do meu consciencioso dever participar-vos, que o mesmo estado de molestia que hontem me dictou aquella resolução, me inhibe de tomar conhecimento dos negocios publicos, em cujas circumstancias vos peço queiraes prever de remedio. Eu faço os mais ardentés vetos ao céu pela felicidade publica.»

Já era esperada esta communicacão, mas apesar d'isso commoveu a camara, porque atravez d'ella se dividia o melindrosissimo estado de saude do duque de Bragança. A antiga divisão do partido liberal estava accentuadissima nas duas camaras, e muito especialmente na dos deputados, já por vezes se tinham ferido luctas formidaveis entre o governo e a opposição, luctas que contristaram bastante o duque de Bragança; mas agora porém acabavam se todas as paixões, e por votação unanime esta mesma camara declarou maior a rainha D. Maria II, para immediatamente entrar no exercicio dos poderes, que pela carta lhe competiam. Não foi, ainda assim, sem difficuldades que se operou este accordo entre os dois lados da camara. No dia 17 de setembro, de manhã, n'uma reunião do conselho d'Estado, resolveu se insinuar ao parlamento que se criasse uma regencia de quatro membros, presidida pela rainha; mas como se desejasse uma votação unanime sobre o assumpto, foi convocada para a noite d'esse mesmo dia uma reunião de todos os deputados. A idéa da regencia era apoiada pelo governo, mas contra ella declararam-se todos os deputados da opposição. Alguem lembrou tambem que, para a regencia, fosse chamada a infanta D. Izabel Maria; mas esta idéa foi logo posta de parte, o que ainda assim não obsteu a que uma deputação de dois pares e outros tantos deputados lhe fosse offerecer sob certas condições ao seu palacio de Bemfica aquella mesma regencia. Esta deputação não era interprete porém da maioria de nenhum dos lados da camara electiva, e tanto o não era que, quando na camara alta o conde da Taipa sustentou que a regencia pertencia de facto á infanta D. Izabel Maria, foi apenas apoiado pelos votos dos marqueses de Loulé e Fronteira, dos condes de Villa Real, de Lumiares e da Taipa, e de Francisco Manuel Trigo de Aragão Morato. Declarada maior a rainha D. Maria II, teve lugar no dia 20 de setembro a sessão real das côrtes para a cerimonia do juramento, que a mesma augusta senhora prestou nas mãos do duque de Palmella, como presidente da camara dos pares.

A rainha, ao ser lhe communicada a resolução da camara que a declarava maior, fez saber que se formaria um novo ministerio depois do juramento, e que até lá continuaria o antigo, mas só para os objectos de mero expediente. Uma nova situação politica era o desideratum de muitos. O ministerio compunha-se de Bento Pereira do Carmo, reino, Joaquim Antonio d'Aguiar, justiça, José da Silva Carvalho, fazenda, Agostinho José Freire, guerra, e Francisco Simões Margiochi, marinha.

Todos, com excepção de Margiochi, pertenciam ao partido dos chamados amigos de D. Pedro, e todos eram mais ou menos seus aulicos. Fôram grandes os serviços que prestaram para o triumpho da liberdade; mas a opposição, que contra si tinham tanto no parlamento como fóra d'elle, não era menor. O governo triumphara, como todos os governos, na eleição de deputados; mas este triumpho apesar dos grandes esforços que se fizeram para afastar da urna a opposição, e do decidido apoio que n'este assumpto lhe prestou D. Pedro, vindo de proposito ao Porto afim de captar sympathias para os seus ministros, não foi tão completo como se esperava e desejava. Entre os novos deputados havia muitos que militavam nas fileiras da opposição; e de todos os homens que guerreavam o governo, como eram Saldanha, os Passos, Rodrigo Pizarro, Macario de Castro, Silva Sinches, Leonel Tavares Cabral, Soares Caldeira, etc, nem um só deixou de ser eleito. Por aqui se pode avaliar com que difficuldades o governo tinha a luctar na camara dos deputados, e na verdade fôram renhidosissimas as pelepas que ali se deram logo nas primeiras sessões. Era ali, como não podia deixar de ser, que o partido popular tinha o seu melhor baluarte; como commandante das hostes, lá estava Saldanha, que apesar de nomeado par, não quiz abandonar o seu lugar de deputado, por lhe parecer que assim melhores serviços poderia prestar ao partido que o reconhecia por chefe e a que pertencia já mesmo antes da vinda de D. Pedro para a Europa.

Na camara alta contava o governo com uma maioria relativamente grande, graças á *formida* que fizera em 1 de setembro, *for-*

nada mais necessaria do que nenhuma outra das muitas que, desde então até hoje se tem feito, pelas circumstancias especiaes que se davam.

A maioria dos pares nomeados em 1826 havia seguido o partido de D. Miguel, por isso um decreto de 28 de maio de 1834 declarou não poderem tomar assento na camara aquelles pares que haviam assignado a representação, que em nome da nobreza foi dirigida áquelle principe para que se deixasse acclamar rei. Quando se tratou da convocação dos pares, o governo foi ainda mais além do que as disposições do decreto, pois estendeu aquellas exclusões aos pares que tinham assistido á reunião dos tres Estados, embora não tivessem assignado aquelle documento. D'esta forma, a camara alta ficou reduzida a treze membros, nomeando por isso o governo, em 1 de setembro, vinte e um novos pares, recabindo a escolha no marquez de Saldanha, conde de Farrobo, conde de S. Paio, visconde de S. Gil Perre, barão do Pico do Celeiro, barão de Sá da Bandeira, Alexandre Thomaz de Moraes Sarmiento, Antonio Lobo Barbosa Ferreira Teixeira Liz, Fernando Luiz de Sousa Baradas, D. Felipe de Sousa Holstein, Francisco Manuel Trigo de Aragão Morato, Francisco Simões Margiochi, Henrique da Silva da Fonseca Cerveira, João da Cunha Sotto Maior, José Francisco Braamcamp de Almeida Castello Branco, José Joaquim Gerardo de Sampaio, Manuel de Macedo Pereira Coutinho, Polycarpo José Machado, Roque Ribeiro de Abranches Castello Branco, e Thomaz de Mello Breyner.

Dos antigos pares, sete pertenciam á opposição, que ali tinha dois valentes caudilhos no marquez de Loulé e conde da Taipa. Presidente da camara era o duque de Palmella, que apesar de apoiar o ministerio, mais pelas muitas considerações que d'elle havia recebido nos ultimos tempos, do que por convicção ou sympathia, se resentia um pouco de opposição mas d'uma opposição indifferente. Esta opposição, ou mesmo partido, se quizerem, era formada dos membros da nobreza que haviam abraçado a causa liberal, e de alguns amigos dedicados de Palmella. Havia muito que ella hostilizava o governo, mas d'uma forma assaz commedida e completamente independente do partido que reconhecia Saldanha por chefe. Uma das razões principaes, senão a principal que dividia estas duas opposições, era a antiga divergencia entre Palmella e Saldanha, que se estabelecera entre os dois na primeira emigração de 1828. Esta divergencia, porém, não era agora tão accentuada, e pode até quasi dizer se que politicamente estavam congraçados, datando esta reconciliação da partida do duque da Terceira para o Algarve, e de que a Palmella cabe grande gloria, porque, se não fosse elle, não se realisaria talvez.

Se a liberdade deve muito a Saldanha, tambem deve bastante a Palmella, e este, como aquelle, apesar dos muitos serviços que prestou á rainha, cahiu tambem no desagrado de D. Pedro, chegando a «Chronica constitucional», folha official d'então (1833), a appellidá-lo publicamente de traidor.

Palmella não hostilizava abertamente o governo nem a opposição, pelo unico motivo de querer ser acatado por ambos, pois o seu maior desejo era tornar-se indispensavel e ser ouvido em tudo e para tudo, e o que elle não queria por modo algum era que o despresassem. (José Liberato Freire de Carvalho—«Memorias» pag. 367). Entre os que acompanhavam Palmella tinham lugar distincto o dr. Francisco Manuel Trigo de Aragão Morato, talento de primeiro ordem, conselheiro de Estado, que fizera uma figura brilhante nas côrtes de 1821 e fóra ministro do reino em 1826; José Antonio Guerreiro, tambem deputado em 1821, e ministro em 1826, e como aquelle, membro do conselho d'Estado; D. Francisco de Almeida Portugal, depois conde do Lavrado, marquez de Loulé, conde da Taipa e Sebastião Xavier Botelho. Alguns d'estes dirigiram differentes cartas a D. Pedro contra a marcha governativa dos seus ministros, formulando abi accusações violentas. Estas cartas produziram enorme sensação, e o ministerio a custo se manteve no poder. O duque de Palmella não lançou mão d'este meio para guerrear a situação, mas mais ou menos associou se lhe, combatendo fortemente alguns dos seus actos na reunião do conselho de Estado de 15 de novembro de 1833. Este grupo de homens, notaveis pelo seu saber e pelos seus serviços ao paiz e á liberdade, conjunctamente com outros pertencentes á magistratura e alto funcionalismo, era considerado como o partido da opposição aristocratica.

O partido popular, capitaneado por Saldanha, era muito numeroso e aguerrido. A auctoridade então do seu chefe era enorme, pois além do lugar eminente que tinha no exercito, e do prestigio do seu nome aureolado por heroicos feitos, era grão mestre de differentes lojas, e contava muitas sympathias em todas as classes.

Eram estes dois partidos que combatiam o governo; mas um, o primeiro, muito mais moderadamente que o segundo; ambos desejavam o poder, mas para o alcançarem seguiam trilhos diversos.

Como vimos, a rainha declarou que depois de prestar juramento, nomearia novos ministros, mas esta promessa, em que se fundavam as esperanças da opposição, não foi tão fielmente cumprida como era para desejar. A cerimonia do juramento teve lugar no dia 20 de setembro, e só no dia 24 se ultimou a organisação do novo ministerio, que ficou assim composto: duque de Pal-



A PRINCEZA LOETICIA

mella, presidente do conselho de ministros sem pasta; bispo conde D. Francisco de S. Luiz, ministro do reino; Antonio Barreto Ferraz de Vasconcellos, ministro da justiça; duque da Terceira, ministro da guerra; conde de Villa Real, ministro dos estrangeiros; José da Silva Carvalho ministro da fazenda; e Agostinho José Freire, ministro da marinha. Estes dois ultimos faziam parte do antigo ministerio e eram a parte mais importante d'elle. A proposito da nova situação escreve Napier («Guerra da successão em Portugal» tomo II cap. XI): E' muito duvidoso se isto foi feito com a approvação do Imperador ou não; inclino-me a acreditar, que elle esteve longe de ficar satisfeito, vendo Palmella encarregado da reconstrucção do ministerio e este por outra parte achou que isto não era negocio muito facil».

A corroborar o testemunho de Napier que é d'algum peso está a declaração do ministro do reino Bento Pereira do Carmo, feita na sessão da camara dos deputados de 31 de outubro de 1834, de que pelas 8 horas da noite do dia 24 lhe tinha sido apresentado de subito o diploma que nomeava presidente do conselho o duque de Palmella, e no dia seguinte pelas 7 horas da manhã recebera inesperadamente o decreto da sua demissão. D. Pedro falleceu pelas 2 horas da tarde do dia 24, por isso não é para admirar que elle não tivesse conhecimento da organisação do novo gabinete.

MARQUES GOMES

IGNORANTE

Nunca fôra possível conseguir que a Laurita aprendesse a ler e a escrever.

Os paes, que a adoravam, tinham com isto um grande desgosto, não só porque anteviam os inconvenientes e o desaire, a que de futuro estaria sujeita em consequencia da sua negação para o estudo, como tambem porque temiam que sobre elles a sociedade, e até—quem sabe?—a propria filha, mais tarde fizessem recahir a responsabilidade da completa ignorancia que, por uma obstinação inexplicavelmente caprichosa, a Laurita persistia em votar-se.

A pequena era dotada de um genio imperioso e ativo, que não se vergava nem aos conselhos mais brandos nem aos ralhos mais asperos. Portanto, os paes teriam que desistir dos seus esforços—que aliás não levaram muito longe, receiosos, talvez, de magoarem a filha a quem dedicavam o mais extremo affecto.

Entretanto, repetidas vezes lhe diziam:

—Laura; quando tu fores uma senhora has-de arrependerte amargamente da tua preguiça. Entrando no convivio de pessoas de educação elevada, procurarás debalde occultar lhes a tua ignorancia, que a todo o momento has-de revelar e que te encherá de vergonha. Poderás então apreciar quanto eram cordatos os conselhos que hoje te damos e que até agora tens sempre desattendido.

Mas bem se importava a Laurita com estas e outras que taes advertencias paternas!

Ria, brincava, fazia toda a qualidade de travessuras, e assim ia passando a sua descuidosa infancia, sem consentir em sacrificar ao estudo das primeiras letras algumas horas dos seus folgedos.

Afinal a creança tornou-se mulher, e os paes—guis demasiadamente indulgentes d'aquelle espirito transviado—tentaram um ultimo esforço, esperançados ainda em conseguirem o que até então baldadamente haviam diligenciado.

Tomaram para casa uma preceptora, a quem incumbiram a educação litteraria da filha, promettendo-lhe, além dos honorarios estipulados, uma generosa recompensa, se os seus esforços obtivessem o desejado exito.

A preceptora—mulher intelligente e habil—principiou por estudar o character da sua educanda; e, reconhecendo que a vaidade era o sentimento que n'ella dominava sobre todos os outros, tentou leval a pela vaidade.

Fez-lhe ver que a mulher, no nosso seculo, carece de ser instruida, para que attinja o nivel intellectual e moral a que tem de exercer-se a sua missão, e não seja insolentemente considerada um simples objecto de luxo e de prazer. Mostrou-lhe que era bem mais digno e glorioso saber ler do que usar um chapéo de plumas vistosas; muito mais aceitavel ostentar alguns conhecimentos litterarios e scientificos d'esses que todas as senhoras de boa sociedade tem obrigação imprescindivel de possuir, do que fundamentar exclusivamente o seu orgulho na exhibição de arrebiques grotescos e de toilettes espalhafatosas.

Mas em breve a conscienciosa preceptora teve de convencer-se, com verdadeira magua, de que os seus conselhos, tão sensatos

e tão judiciosos, eram semente lançada em terreno arenoso e improductivo.

As razões que ella adduzia, para a convencer a entregar-se ao estudo, iam desfazer-se de encontro á inabalavel obstinação de Laura.

—A instrucção—respondia-lhe ella—poderá ter um grande valor para os homens, mas é completamente inutil ás mulheres. O uso da leitura, obrigando a applicar excessivamente a vista, turva-lhes a limpidez do olhar; a escripta estraga-lhes as mãos, manchando-as de tinta, e callejando as pontas rosadas dos seus mimosos dedos pelo atrito da caneta. Portanto escusam de teimar:—não quero aprender a ler nem a escrever.

E assim, contra o que seus paes lhe prognosticavam, a Laurita—já a esse tempo uma senhora, quasi se mostrava ufana da sua completa ignorancia!

Laura era dotada de uma belleza pouco vulgar. Contudo, não despertara ainda uma unica paixão. Os homens graves e reflectidos que a tratavam de perto, admiravam lhe os dotes peregrinos do seu corpo, perfeito exemplar da esthetica feminina, mas no seu intimo desprezavam-na como uma boneca frivola e inutil.

E, mau grado seu, ella não podia deixar de reconhecer esse desprezo, que a enchia do mais alteroso despeito.

Um bello dia, porém, percebeu, com grande regosijo, que um rapaz elegante, um verdadeiro dandy, porventura tão frivolo e tão inutil como ella, se deixára captivar dos seus encantos.

Desde esse dia, Laura entregou-se com verdadeiro enthusiasmo ao namôro d'aquelle seu adorador adventicio.

Notando as assiduidades do elegante joven, os paes da Laurita ficaram bastante preocupados.

Ignorante de tudo, não tendo nem a sciencia dos livros, nem a sciencia do mundo, a que perigos não estava sujeita a pobre meninal!

Trataram, por isso, de tomar todas as precauções possíveis, de a rodear da mais sollicita vigilancia, afim de evitarem que podesse ter qualquer entrevista com o seu apaixonado galanteador. E como ella, por outro lado, não sabia ler nem escrever, e portanto estava ao abrigo dos terriveis ataques da epistolographia amorosa, os pobres paes acabaram por tranquillisar-se a este respeito. De sorte que a Laurita passava os dias inteiros á janella, permutando sorrisos ternos e apaixonados olhares com o seu namorado.

Bem diz o proloquio francez:—*à quelque chose malheur est bon*. A infelicidade da Laurita não ter querido nunca instruir-se, serviu, em taes circumstancias, para evitar a seus paes muitos sobresaltos e muitas inquietações.

Decorreram alguns mezes, durante os quaes os amores dos dois jovens progrediram sempre com crescente enthusiasmo de parte a parte.

Um dia, Laura, muito risonha, muito jovial, sentou se nos joelhos do pae, e cingindo lhe carinhosamente o pescoço com os seus bonitos braços, disse lhe:

—Papá, vou-lhe contar uma historia que certamente o ha-de interessar muito. Ha um rapaz encantador, e herdeiro de uma boa fortuna, que deseja pedir em casamento uma menina a quem ama perdidamente, e a quem pôde tornar feliz. A menina a que eu me refiro já lhe deu o seu consentimento, porém o paes d'ella ignoram tudo. Os d'elle, pelo contrario, conhecem a sua inclinação, e estão de perfeito accordo com o projectado enlace. Que pensa o papá a este respeito?

Surprehendidissimo, o pae abriu muito os olhos e retorquiulhe:

—A quem ouviste tu essa historia?

—A ninguém. Bem sabe que a ninguém fallo, a não ser as pessoas que nos visitam, e essas nada me contam em segredo!

—N'esse caso, não comprehendol!

—Pois é facil, papá. O rapaz de quem se trata está apaixonado por mim, e é a minha mãe que elle pretende.

—Será possível?—exclamou o pae erguendo-se profundamente estupefacto, e arregalando ainda mais os olhos, já desmesuradamente abertos.—Onde e quando foi que fallaste com esse homem?

—Nunca lhe fallei—respondou serenamente a Laurita—mas escrevo-lhe todos os dias.

—E' impossivel! Tu não sabes escrever!

—Engana-se, meu querido papá, eu escrevo admiravelmente.

—Como?

—Com o meu leque.

Com o teu leque, minha filha? Essa é nova para mim!

—Admira-se? Pois bem: se consente no meu casamento, eu vou immediatamente escrever-lhe, da janella d'onde faço todos os dias a minha correspondencia.



A MORTE DE  MARCO ANTONIO.

— E quem foi que te ensinou a escrever d'esse modo, minha filha?

— Para tal processo de escripta não é necessario nem aprendizagem nem mestre. Basta ter um leitor intelligente e perspicaz, e o meu futuro marido lê admiravelmente, em todas as evoluções do meu leque, as minhas ideias e os meus sentimentos.

O pae de Laura, sem nada resolver, acolheu, comtudo, a inesperada declaração de sua filha com um benevolo sorriso, com que quiz recompensar a sua franqueza.

— Quer isso dizer que consente, não é verdade, papá?

Elle sorriu se novamente, e a Laurita, interpretando este sorriso como signal de annuencia, tomou o leque, e doida de alegria, encaminhou se para a janella.

Um mez depois realisava se o casamento de Laura.

D'este conto se deve inferir que o amor, para se manifestar e desenvolver, não carece dos arrebiques da palavra, nem do artificioso perfume das flores de uma rhetorica brilhante. Um olhar terno, um sorriso acariciador basta para fazer vibrar todas as fibras de um coração apaixonado, e n'esse despertar o amor no maior grau de intensidade. Na mulher, sobretudo, o coração hade prevalecer sempre sobre a intelligencia. Amar e ser amada, eis no que se resume a eterna litteratura, que a mãe Eva transmitiu a todas as suas descendentes, e que todas ellas cultivam, sem que para isso lhes seja indispensavel recorrer a essa arte monotona e insipida, que nos ensina a manifestar as nossas ideias e os nossos sentimentos por meio das vinte e cinco letras do alphabeto.

(Imit)

MAGALHÃES FONSECA.

AS NOSSAS GRAVURAS

O GENERAL CAETANO ALBERTO MAIA

Acaba de fallecer este respeitavel e distincto general, um dos officiaes mais considerados do nosso exercito.

Caetano Alberto Maia nasceu em Lisboa em 7 de agosto de 1807, e era filho do respeitavel negociante d'esta praça, Francisco Xavier da Maia, ha muitos annos fallecido.

Completando os cursos da Academia Real de Marinha e da Academia de fortificação, artilheria e desenho, foi despachado, em 27 de novembro de 1827, alferes de infantaria, ficando addido ao batalhão de caçadores n.º 8, sendo transferido para o corpo de engenheiros, e promovido a primeiro tenente d'esta arma, em 24 de julho de 1834, a capitão em 18 de agosto de 1838, a major em 29 de abril de 1851 a tenente-coronel em 4 de maio de 1859, a coronel em 8 de julho de 1864, a general de brigada em 16 de dezembro de 1872 e a general de divisão em 27 de junho de 1883. Fez no dito batalhão, por algum tempo, serviço de guarnição, e em 1833, sendo segundo tenente de engenheiros, foi destacado para Setubal, a fim de ser empregado na direcção dos trabalhos de fortificação d'aquella cidade.

Apenas feita a convenção de Evora Monte, foi nomeado commandante dos engenheiros na Praça de Abrantes, onde serviu durante os acontecimentos de 1837, que terminaram no combate de Chão da Feira. Na mesma se conservou até meiado do anno de 1838, sendo n'este intervallo incumbido de differentes commissões em Santarem, Thomar, Castello de Vide, etc. No dito anno de 1838 foi nomeado commandante da arma de engenharia na 10.ª divisão militar (Açores), para onde partiu, e onde esteve até meado do anno de 1843, sendo n'este intervallo incumbido, pelo ministerio do reino, dos estudos relativos ás docas nas Ilhas Terceira, Fayal e S. Miguel, e aos de uma estrada central n'esta ultima ilha, e a estatistica das ilhas de S. Miguel e Santa Maria, serviços estes que cumpriu, tendo remettido em tempo opportuno ao governo o resultado dos seus trabalhos.

No meiado do anno de 1843, foi nomeado adjunto á repartição de obras publicas no ministerio do reino, onde se conservou até outubro de 1847; n'esta data foi nomeado adjunto ao quartel mestre general do exercito de operações do commando do Duque de Saldanha, em cujo serviço esteve até finalizar a guerra civil, regressando em seguida á sua antiga commissão no ministerio do reino.

Por occasião de se organizar o ministerio das obras publicas, commercio e industria, foi nomeado chefe da repartição technica em 14 de outubro de 1852, director geral por morte do tenente general visconde da Luz, em 18 de outubro de 1854, exonera-de d'este serviço, pelo requerer, em 25 de julho de 1866, tendo sido nomeado anteriormente, em 30 de outubro de 1855 vogal effectivo do conselho de obras publicas e minas, conselho que

depois foi substituido pela junta consultiva de obras publicas e minas, á qual presidiu sempre até ao seu fallecimento.

Presidiu tambem á commissão que em 1884 fez o regulamento para os geradores a vapor e á que em 1885 elaborou o projecto de lei que organizou a engenharia civil.

Fez parte, na qualidade de presidente, durante 12 annos consecutivos, do jury dos exames de habilitação do curso de engenharia civil na escola do exercito, e ultimamente, como general mais antigo, presidia aos jurys reunidos dos cursos das differentes armas que se leccionam na mesma escola.

*

O general Maia contava 61 annos de serviço, na effectividade, e 81 annos de idade.

A PRINCEZA LOETICIA

A princeza Loetitia, filha do principe Jernymo Napoleão, é noiva do duque d'Aosta, seu tio, ex-rei de Hespanha.

Esta união principesca está já decidida e foi oficialmente annunciada á corte de Italia.

O casamento realisa-se brevemente, em Turim, tendo Leão XIII concedido já as dispensas necessarias.

A princeza Loetitia tem 22 annos, é bastante formosa, fazendo lembrar o typo cesariano da familia Bonaparte. Dizem-n'a dotada d'altissimas prendas de coração e de character.

Este consorcio resulta d'uma inclinação reciproca, que data já de muito tempo e foi protegida pelas familias dos noivos.

O principe Amadeu, duque d'Aosta, é irmão da rainha de Portugal e da princeza Clotilde, mãe da noiva. Fôra casado com a princeza Victoria, duqueza de la Cisterna, que morreu ha annos deixando lhe tres filhos, que a princeza Loetitia estima já como se seus fossem.

O principe conta 43 annos d'idade, e é um dos cavalleiros mais distinctos e elegantes de Italia.

A MORTE DE MARCO ANTONIO

A nossa estampa representa os ultimos momentos do celebre general romano, que se suicidou 30 annos antes de Christo, na Alexandria, onde se refugiou depois da batalha de Actio, perdido por desvairamento do seu amor por Cleopatra.

Marco Antonio era neto do eloquente orador de mesmo nome e filho de outro Marco Antonio, que foi vencido n'uma expedição contra os piratas da ilha de Creta.

LUIZ GUIMARAES

Na sua physionomia está indelevelmente escripto o seu bello talento.

Da moderna geração dos escriptores brasileiros é elle o que tem mais funda e radicada na alma a seiva da poesia.

Bebeu o nectar dos deuses no purissimo leite do berço; e da grande phalange, da excelsa constellação, que irradiou no ceu dos tropicos, n'aquella abobada de fogo, sobre as immensas florestas e os rios caudalosos e as montanhas gigantes, nenhum soltou da harpa immensa, do orgão colossal, da orchestra do infinito, d'aquelle teclado enorme da esplendida natureza, hymnos mais harmoniosos, e sagraadamente ungidos pelo balsamo inebriante da inspiração.

Ao ler as paginas dos seus livros, afigura-se nos que estamos no paiz dos sonhos e das miragens, embalados pela vaga de esmeralda da grande bahia do Guanabara, sentindo roçar nos na face abrasada o halito dos abyssos de luz, desenhando-se nos no horisonte variegado da phantasia os longos mares phosphorescentes, as campinas esmaltadas de flores, as ilhas fluctuantes na placida ardentia, os morros de granito, pyramides sublimes a escalar o ceu, e sobretudo os anjos de olhos negros e madeixas longas, leves como um suspiro, diaphanos como um raio da lua, meigos como um abraço de mãe, e lindos como o ideal do amor.

Este delicioso encanto da saudade, da poesia, da alma enamorada do bello, gosta-se ao ler a prosa delicadissima de Luiz Guimarães e os seus versos primorosos.

Elle nunca escreveu uma só linha, que não fosse arrancada do intimo do seio, como um pedaço do coração.

Se podessemos fazer aqui a resenha de todos os seus trabalhos litterarios, provariamos a saciedade que ninguem actualmente, na pleiade radiosa dos escriptores brasileiros, possui em tão elevado grau a faculdade de se adaptar espontaneamente a todas as modalidades da inspiração.

Luiz Guimarães tem a graduação académica da faculdade de direito de S. Paulo.

Foi um estudante de primeira plana.

Pugnou, durante a vida escolar, sempre, e calorosamente, pelas grandes ideias democraticas do seculo.

Se não ia aos clubs declamar arrojadamente contra a organização aristocratica do governo do seu paiz, é porque pensava, com justeza, que a monarchia liberal é a melhor forma, e a mais sensata, da democracia.

Respeitava a tradição monarchica do Brazil, como nós respeitamos e adoramos a nossa, com todas as convicções da intelligencia esclarecida.

Mas nem por isso lhe repugnava abraçar Victor Hugo e Proudhon no intimo da sua alma de poeta.

Tanto assim, que se ha homem na moderna poesia brasileira, que mais se approxime do altissimo poeta d'este seculo, é elle.

Vejam os seus versos, repassados do sublime entusiasmo da reforma política e social, ao passo que espiram uns delicados perfumes, intimos enlevos do arrebatamento egoista, das paixões santissimas do ideal do amor, nas mais contornadas bellezas do lyrismo do sentimento.

Luiz Guimarães, além de poeta, é diplomata, e exerce em Lisboa o importante cargo de secretario da legação brasileira.

ABBADIA DE SAINT-RQUIER

Saint-Riquier, pequena cidade franceza do departamento de Somme, a duas leguas de Abbeville, tem uma população de cerca de 1:400 habitantes.

Chamava-se em outro tempo *Centula*, e deve a sua prosperidade á abbadia de Saint-Riquier, da qual tomou o nome.

A abbadia, representada na nossa gravura, foi fundada por Saint Riquier em 638.

Foi uma das mais ricas ordens de S. Bento e da congregação de Saint-Maur.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

Charada ultra-novissima

Retribuição ao distincto charadista PETIT DIABLE

1.^a—2.^a—3.^a—4.^a—Substantivo
2.^a—3.^a—4.^a—Substantivo
3.^a—4.^a—Substantivo
4.^a—Substantivo.

Que é difficil de matar,
Eu juro por vida minha;
E quem meu todo encontrar,
Verá de certo doninha—

Leiria.

CRUZ MENDONÇA.

Ora vejam, quem diria!
Quem isto adivinhar ia!
—As voltas que o mundo dá!
E' fé minha que na França,
A mais tenue esperança
De *revanche*, já não ha.

Que, de maneira formal,
A' fava, o *brav'general*
Mandam, isso é positivo;
E se desforras houver,
Não será, 'stou a prever,
A França quem dá motivo.—1

Vão os soldados francezes,
Bravos filhos dos gaulezes,—1
Ser convertidos em frades;
Só em rezas cuidarão
E depois, só os verão
D'um convento p'r entre as grades.

Os fardamentos vistosos,
Que os alferes valorosos
Envergam n'este momento,—1
Vão ser todos destruidos,
E logo substituidos
Por sotainas de convento.

—E sabe o leitor amigo
Porque eu isto aqui predigo
Com acrisolada fé?
—E' porque n'aquella terra
E' o ministro da guerra
Actualmente *Frey Cinet*.

MATHÆUS JUNIOR

Carta enygmatica

A. M. Carolina C.

Isaura, não acredito,
E' de certo brincadeira
Casares com 2 Vieira,
Aquelle velho maldito!

Quem prefere 3 liberdade
Dos campos, aves canoras,
Ao bulicio da cidade
A' garganta das cantoras,

Ir prender-se 6 um marido
Que parece d'outro mundo,
Ouvir-lhe á noite o strugido
Do ronco em baixo profundo;

Estar em casa todo 4 dia,
Concertar-lhe as calças rotas,
Tendo em paga 8 melodia
Das rangideiras das botas...

Não posso crér, meus amores
Tu és livre como 9 sol;
Prisão, nem mesmo de flores,
Marido, só rouxinol.

1 2, 3, 4, — 5 6, 7, 8 9.

Faro.

J. SEPHINA B. DE MENDONÇA.

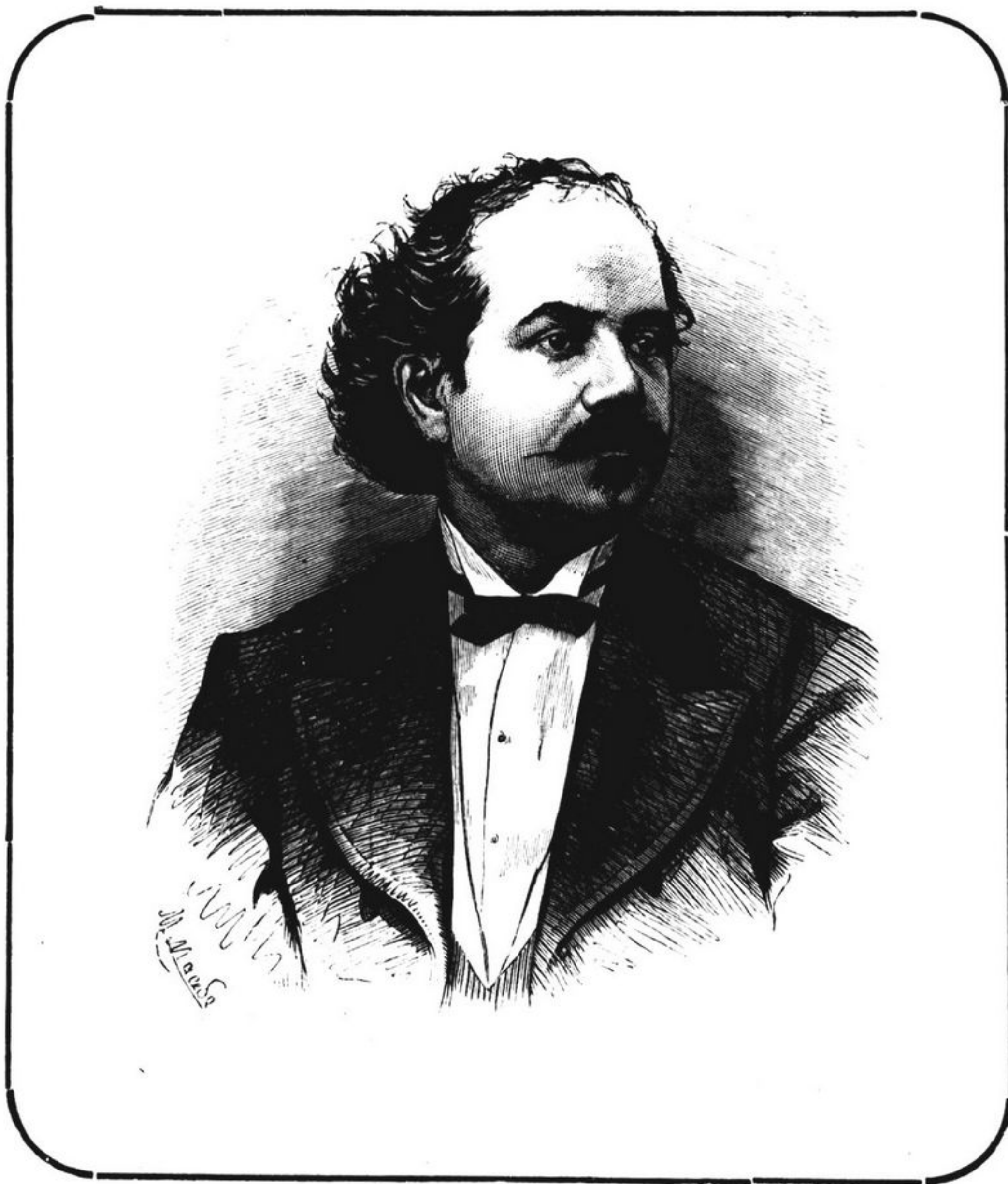
Decifrações

DO LOGOGRAPHO:—Sinapismo.

UM CONSELHO POR SEMANA

MODO DE TORNAR A CARNE TENRA

A carne, por muito dura que seja, fica tenra, juntando-se á agua em que fór fervida duas colheres d'aguardente por cada kilo de carne.



LUIZ GUMARÃES

A RIR

A mulher do act. r II., comquanto já tenha passado de quarenta annos, é ainda muito formosa. Tem, porém, a par d'isso, um genio terrivel.

Um dos intimos do marido dizia lhe recentemente:

—Como tua mulher está bem conservada!

—Sim, respondeu elle, em vinagre!

*
*
*

Calino tem de dirigir duas cartas a duas pessoas que moram na mesma casa. A primeira, subscripta-a ao sr. B., rua de tal. A segunda, ao sr. D., no «mesmo predio».

E feito isto, manda deitar ambas as cartas no correio.

AS PARISIENSES

(Imitação)

I

... A pequena de Serquigny tinha o demonio no corpo, mas sobretudo possuia um cerebro fantastico, desequilibrado, onde turbilhonavam os mais bizarros caprichos, as mais extravagantes idéas, ferido se em attritos faiscantes, adherindo em bruscos aspectos multicores, como os fragmentos de vidro que formam uma successão de labores excentricos, ao agitar-se a boceta que os contém.

Uma parisiense authentica, uma bonequinha complicada, tal qual a definiu subtilmente Roqueplan, capaz de tentar Santo Antonio e de fazer andar a cabeça a roda a toda uma sapientissima Academia, ensopada em erudição e em agua circassiana.

Seria por isso que ella attrahia, captivava e enlouquecia, aquelles mesmos que pagaram a sua divida ao implacavel amor, que se julgam fortes, ao abrigo das paixões, perfeitamente blindados contra a suggestão do eterno feminino?

Seria por causa das suas pequeninas mãos suaves, finas, exhalando sempre, como um bouquet acabado de colher, um aroma delicioso e novo, com os seus dedos afilados e roseos, que os homens beijavam devotamente? Ou rezidiria o encanto nos cabellos de seda, da côr da luz, ou nos grandes olhos enigmáticos, devorados de curiosidade e appetites, ou na bôca fertil de cambiantes, successivamente microscopica, infantil, ou radiosa, expandindo-se como uma rosa, desabrochando ao sol, quando o riso a dilatava, descobrindo os dentes nacarados, engastando-se como dois fios de perolas nos labios purpurinos?

Quem logrará explicar essa especie de magia, esse feitiço que algumas escolhidas exercem sobre todos os homens, autoridade despotica, contra a qual nada prevalece e ninguem se revolta?

II

Entre os innumerados que a tinham implorado, que esperavam anciosamente o minuto fabuloso em que o seu coração palpitaria, em que a collegial zombeteira se humanisaria, abandonando-se á ventura de amar e ser amada, inebriando-se com o mel das ternuras, não sellando os labios humidos á chamma do beijo; entre tantos que se obstinavam em domar a rebelde, em aprisionar a esquiva, em acordar a Glatheia, sobresaia Xavier de Fontrailles.

Fontrailles caminhava sempre, não despregando os olhos do ambicionado porto, testemunhando uma energia paciente, uma força de vontade superior a todos os revezes, a todas as alternativas, abrazado no fervor devoto de um crente que emprehende longas peregrinações, arrostando para o effeito todas as fadigas, todos os soffrimentos, impellido na sua fé inquebrantavel pela idéa fixa e idealmente consoladora, de que lhe será permitido um dia ajoelhar aos pés do idolo, ouvir-lhe as divinas canções e ser arrebatado para o p. raizo, suspenso das azas dos anjos...

O fetichista chedeia, sem hesitar, ás menores fantasias da sr.ª de Serquigny, empenhava-se em não lhe parecer nunca nem importuno nem fastidioso, em divertirla, em não errar o caminho, em não a incomodar, em ser o amigo indispensavel, o amigo

precioso e insubstituivel, ao qual as mulheres confiam os seus desgostos passageiros e contam as suas chimeras intangiveis...

Ella teria, talvez, soffrido, chorado, sentido um enorme vacuo na sua existencia, se acaso se houvessem separado para sempre, se elle morresse, e é possivel que não resistisse a defendel-o, apparentando o que não era, se alguém ousasse calumniar-o na sua presença.

Por vezes, exclamára com uma subita nostalgia na inflexão risonha da voz:

—Se eu fosse capaz de amar cinco minutos, era a si que eu amaria!

Nos seus passeios atravez das copadas avenidas do Bosque, nas suas longas conversas ao cair da tarde, quando ambos se curvavam para o abysmo, como elle dizia, a ponto de experimentarem o deslumbramento da vertigem, fallando do amor com o vago terror do ignoto, impregnando se dos seus filtros e aspirando os seus perfumes capitosos, a sr.ª de Serquigny expunha uma das suas theorias predilectas.

—Sim, ella comprehendia a paixão, essa vibração de loucura, esse relampago de febre que nos sacode desde a cabeça até aos pés, esse supremo jubilo que arrasta dois entes encadeados um ao outro pelo corpo, pelo coração e pelo cerebro.

Mas tudo isso requeria uma decoração imprevisita, um ambiente novo, o quer que fosse de estranho e allucinante, cuja visão se fixasse para sempre a traços indeleveis, na alma, no espirito. Uma originalidade, doidamente alegre, que fosse como uma pitada de cary na banalidade do prazer...

III

Xavier de Fontrailles corria á desfilada atraz d'essa miragem inaccessible, ensaiando em vão todos os expedientes suggeridos pela sua esgotada inventiva: *garçonnières* mobiladas a giro e setim, forradas de estofos pallidos como o *boudoir* de uma marquezada do seculo passado, *villas* alcandoradas na crista azul das montanhas, olhando por entre sanefas de flores o mar e o céu, velhos palacios melancolicos, encravados á flor da onda, espelhando alli o seu perfil marmoreo, quartos de hotéis, gabinetes particulares de restaurant, pavilhões alpestres, occultos na copada floresta...

Madame de Serquigny passava indifferente e nem sequer voltava a cabeça!

E elle sentia-se cada vez mais apaixonado, apaixonado como um collegial imberbe, a ponto de apanhar as flores que se desprendiam do seu *corsage*, de beijar furtivamente um pedaço de renda, de ficar desorientado, infeliz, perdido, se a não via, se não ouvia a sua voz e o seu riso.

Uma tarde, acompanhou-a á feira de Neuilly.

Dativeram se em frente de tres barracas, ensurdecidos pelo barulho dos realejos, pelos assobios das machinas, pelo surdo murmurio da multidão que circulava em um fluxo e refluxo.

Ao passarem pela carroça de uma somnambula, Fontrailles parou e disse á sr.ª de Serquigny:

—Quer que lhe leiam a *buena dicha*?

A carroça era gigantesca, um predio ambulante, construido para resistir a todas as intemperies, com uma escada de degraus cillantes, com exhibição de cartazes mirabolantes e decorações de vasos com cravos, no meio dos quaes dormia, hirto no poleiro, um velho papagaio calvo.

A cigana fazia meia, assentada na escada.

Ao vêr a sr.ª de Serquigny, levantou se e disse com expressão unctuosa:

—Revelo o presente, o passado e o futuro, o nome do homem amado, dos parentes fallecidos, sei calcular os bens que existem ou hão de exi tir... Trabalhei na presença de varias cabeças coroadas... O imperador do Brasil veio a minha casa, acompanhado do illustre poeta Victor Hugo... As cartas e a mão, cinco francos, o resto, vinte francos. Que deseja a sr.ª princeza?

A sr.ª princeza, vulgo madame de Serquigny, desatou a rir, com o seu riso sonoro de collegial que se diverte.

Treparam a escada.

Fontrailles abriu a porta de vidraça, coberta com uma cortina de panninho escarlata.

A parisiense teve uma exclamação de surpresa.

O interior da carroça estava affestado de rosas e apresentava um conjunto elegante, proprio para uma entrevista amorosa.

Sobre uma meza de charão, rodeada de pilhas de almofadas, a ceia esperava, ceia de gastronomo, servida em toalha russa, bordada a flores vermelhas.

Ao fundo, velado por stores japonezes, encaixilhados em finas laminas de junco incrustadas de nacar, desenhava-se um amplo leito envolvido em um docel de rendas.

... Elle fechára a porta, e ella contemplava-o com uma expressão exquisita, as narinas vibrantes, as faces ligeiramente coradas, os olhos estranhamente eloquentes.

Com voz trémula, o coração a saltar-lhe do peito, elle segredou-lhe ao ouvido:

—E d'esta vez, agrada-lhe a decoração?
Ella respondeu, estendendo-lhe os braços.

E foi assim que madame de Serquigny, —a parisiense,—atraiçooou pela primeira vez, a sério, o marido, no meio da feira de Neuilly, em uma carroça de saltimbancos.

E eis ahí porque Féuillet escreveu algures:

«A verdadeira e genuina parisiense, no seu pleno desenvolvimento, é um ente extraordinario. N'esta singular estufa de Paris, a criança é já uma rapariga, a rapariga é uma mulher, e a mulher é um monstro,—um monstro seductor e temível.»

GUIOMAR TORREZÃO.

NA ALDEIA

(AO MEU EX.^{mo} AMIGO, VISCONDE DE VILLA VERDE)

N'um dia de maio—ao declinar da tarde, quando o sol ia desaparecendo atraz das serras n'uma côr rubra de incendio—chegou á aldeia a familia dos Menezes, que vivia na Foz do Douro e que todos os annos vinha passar a quadra calmosa na sua bella e pittoresca quinta. Agora vinha tambem o Arthurinho, o filho mais velho, de vinte e tres annos apenas, mas já formado em direito e com um futuro radiantissimo deante de si. Era o que se chama um rapaz da época, muito elegante, em pleno esplendor de mocidade e gloria.

Apenas um buçosoito louro ensombrava os seus labios finos, que se entreabriam frequentemente n'um sorriso felino, gaiato, zombeteiro, *canilla*.

Mas não tinha má indole, o *doutorsinho*. Muito bom rapaz até, d'uma familiaridade captivante, sem maneiras dengosas, jovial e affavel, todos tinham por elle uma sympathia enorme, d'estas sympathias que nascem espontaneamente, irresistivelmente.

Assim, depressa se relacionou com a gente da aldeia, onde elle, dia a dia, descobria encantos desconhecidos, nos casaes, na paisagem, nos costumes, na lavoura, em tudo. Achava-se bem, muito á vontade, longe d'esse bulicio das cidades, entregue só ás suas esperanças, aos seus sonhos côr de rosa, ao cuidado todo seu, muito seu, de architectar *castells no ar*.

E todas as manhãs, muito cedo, dava um passeio livre ao longo das estradas, em demanda do ar fresco dos campos, d'essa atmospheria pura, impregnada d'aromas, que lhe retemperava o corpo e tonificava a alma. Tinha então para todos os camponeses uma saudação affectiva e uma chalaça graciosa. E demorava-se ás vezes em conversas muito intimas, sempre com interesse em saber isto e aquillo, em saber tudo, as mais pequeninas cousas, quaes os rendimentos d'este, quaes os haveres d'aquelle, como estavam as vinhas, onde predominava o *phylloxera*, etc. Muito dado, este Arthur.

De tarde, passeava menos. Reunia-se com os *morgidos* da terra na loja do tio Fortunato, ou então ia passar um bocado com as Pimenteiras, umas meninas muito divertidas e muito amantes de bailes, de *batiques*, como ellas diziam. Iam quasi sempre recrear-se para o jardim. Organizavam batalhas de flores, saltavam, corriam, jogavam as escondidas, faziam o diabo. E as *partidas* que ellas pregavam ao Arthur! Algumas vezes, faziam no *andar em pa stana*. Elle então flagia-se muito amuado, muito zangado e sentava-se logo, n'uns assomos de colera. Que carinhos depois!...

—Está incommodado, senhor doutor?

—Depressa, depressa um copo d'agua!

—Nada, nada. Será melhor tomar uns golitos de chá, coitadinho! Vamos já prevenir a creada, pois então?

—Janna, ó Janna, põe já a chocolateira ao lume. Mas a correr, ouviste? Ora isto! que fatal dadel! Ainda ha pouco tão alegre e tão rijo...

E todas o rodeavam, deplorando aquella desgraça, abanando com lenços, desapertando lhe o collarinho, horrifíand o com agua, até que elle, dando já o cavaco, optava pelo unico meio de defeza: —dar ás de villa Diogo, n'uma correria doida, sem dizer palavra nem adeus a ninguem.

O! juventud, primatera de la vital

Arthur apreciava cada vez mais esta vida do campo, simples e ridentissima. Sentia-se feliz. As patuscadas ao ar livre, as excursões venatorias, as folias em noites d'arraial, as *soirées* intimas em casa das Pimenteiras, dos Cibraes e outros, seduziam-no, subjogavam-no. Esquecera completamente o passado. Nenhunas saudades, muitas esperanças. Ah! e o amor...

N'uma manhã de junho, quando, como de costume, dava o seu passeio matinal, teve um encontro que não esperava, que estava mesmo muito longe de esperar. Viu uma formosa rapariga, moreninha, de olhos negros e humidos, na plena efflorescencia da vida, com uma desenvoltura graciosissima e d'uma pureza admiravel de linhas. Sublime! Ella sorriu-se e n'esse sorriso appareceram uns dentes pequeninos, brancos, muito brancos. Depois, ao saudalo, a sua voz tinha uma accentuação tão doce e tão acariciadora que o Arthur sentiu logo agrilhoado o seu coração, presa a sua vida. E não pôde esquecer-a durante todo o dia. Quem seria? onde morava? como fallar lhe? como dizer lhe que a amava muito, muito? Oh! e se ella já... Mas não, isso não, nem por sombras. Aquellas faces macias e puras não podiam ser beijadas por um...

Pobre Arthur! Não lhe sabia da imaginação essa moreninha, de olhos negros e humidos, de dentes pequeninos, brancos, muito brancos. O que elle sonhou n'essa noite! Queria-a para si, só para si, infallivelmente, forçosamente, irremediavelmente. Pois então? Queria-a, porque a queria. Estava dito tudo, e não havia meio termo. Queria-a, olé! Precisava d'aquellas faces macias como o velludo, puras como a innocencia, d'aquelle sorriso bom como a felicidade, meigo como a esperança, d'aquelles labios rubros como uma romã, appetitosos como uma volupia, precisava d'ella. *toda, toda...*

E ao outro dia, de manhã, colheu informações minuciosas. Soube que a rapariga nunca tivera namoros e que era um anjo todo bondade e pureza. Que alegria a d'elle! Mas então ella havia de amal o... Sim... não podia deixar de ser. Amal-o-hia, e elle, em compensação, seria o seu escravo, um assassino até, se tanto ella exigisse. Tinha necessidade de a ver quanto antes. Assaltava o o desejo vivo de lhe tomar as mãos e de lhe exprimir o seu amor, todo um amor puro, genuino, vulcanico. Porque, evidentemente, elle amava a...

E sahio á tarde sosinho, embvecido no mesmo pensamento, n'uns projectos roseos de futuro. Ella lá andava no campo, saias arregaçadas, chapéu de palha na cabeça, os peitos direitos, retados sob o lenço em diagonal. Seductora, verdadeiramente!

Arthur sentiu o sangue em movimento e cumprimentou-a timidamente, sem saber bem o que dizia. Como ella còrou! Como ella o envolveu n'um olhar de infinita doçura! Ainda bem que a conversação foi tomando, pouco a pouco, um character intimo, sincero, d'uma confiança suave e animadora. O Arthur achava-se tão bem! Porque aquelles olhos negros e humidos eram a luz dos seus olhos. Porque aquella voz, agil como um canto, doce como uma ballada septentrional, retinia em todos os recessos da sua alma. Porque aquella sorriso, bom como a felicidade, meigo como a esperança, deixava ver os taes dentes pequeninos, brancos, muito brancos.

E a tarde ia declinando, sem que ellas se lembrassem da despedida. Compreendiam-se já. Calavam-se ás vezes muito tempo, mas os seus olhos diziam coisas!... coisas!... Decididamente, o Arthur não se enganara. Ella admirava-o com fundo interesse, n'um enlevo de coração que a inebriava, como que magnetizada por aquellas palavras doces e cariciosas que lhe cahiam na alma lentamente, que lhe davam vida, muita vida, e muita felicidade.

E a tarde ia declinando... O horizon'te tingia-se d'uma côr purpurina, produzida pelos reverberos do sol poente. Racolhiam já os camponeses do trabalho e, ao longe, os rebanhos de gado faziam vibrar os chocalhos n'um rythmo confuso e prolongado. Despediram-se então, cheios de esperanças e de confiança. Ver-se-hiam todos os dias, conversariam muito, amar-se-hiam sempre e não se esqueceriam nunca e... Ah! é tão doce o amor!

Fallavam, pois, todas as tardes, muito perto um do outro, ouvindo a palpação fremente dos seus corações, as mãos enlaçadas e os olhos confundidos n'um extasis dulcissimo. Um dia, porém, soffreu Arthur um desgosto grande. Soube, com espanto e indignação, que todos na aldeia commentavam desfavoravelmente as suas relações com a moreninha, sobre a qual recakiam suspeitas infamantes. Arthur teve uns fremitos de colera violenta. Oh! essa calumnia havia de ser engulida á força, á força, notassem bem. E desse lá por onde desse... Pois que? Atreverem-se a infamar a reputação d'um anjo, alma da sua alma, vida da sua vida!... Canalias!

E no seu espirito sobreexcitado entrechocavam-se os mais absurdos projectos de vingança.

Seria inexoravel.

Mas, n'um rapido instante de concentração, reconheceu a inefficacia dos seus esforços, a impossibilidade e a loucura de luctar contra tantos inimigos juntos. E teve vontade de chorar. Porque era preciso não tornar a fallar com ella, porque era indispensavel que todos, todos sem excepção, respeitassem a sua honra. Fatal destino aquelle! Parecia que mãos de ferro lhe apertavam a garganta violentamente, suffocando o.

A moreninha não soffria menos. Já havia tres dias que esperava pelo Arthur sem resultado. Duvidas pungentissimas lhe dilaceravam a alma apaixonada. Porque não vinha elle? Porque? Porque? Que era feito do seu amor, d'esse amor que lhe dizia ser unico, profundo, interminavel? Deixaria de amar? Seria tudo uma ficção, um engano? Oh! não, não, de certo. Mas n'esse caso, que viesse, que a não desgostasse assim, que tivesse pena d'ella, que a não fizesse soffrir... chorar... adoecer... Que mal lhe fiz eu? pensava ella.

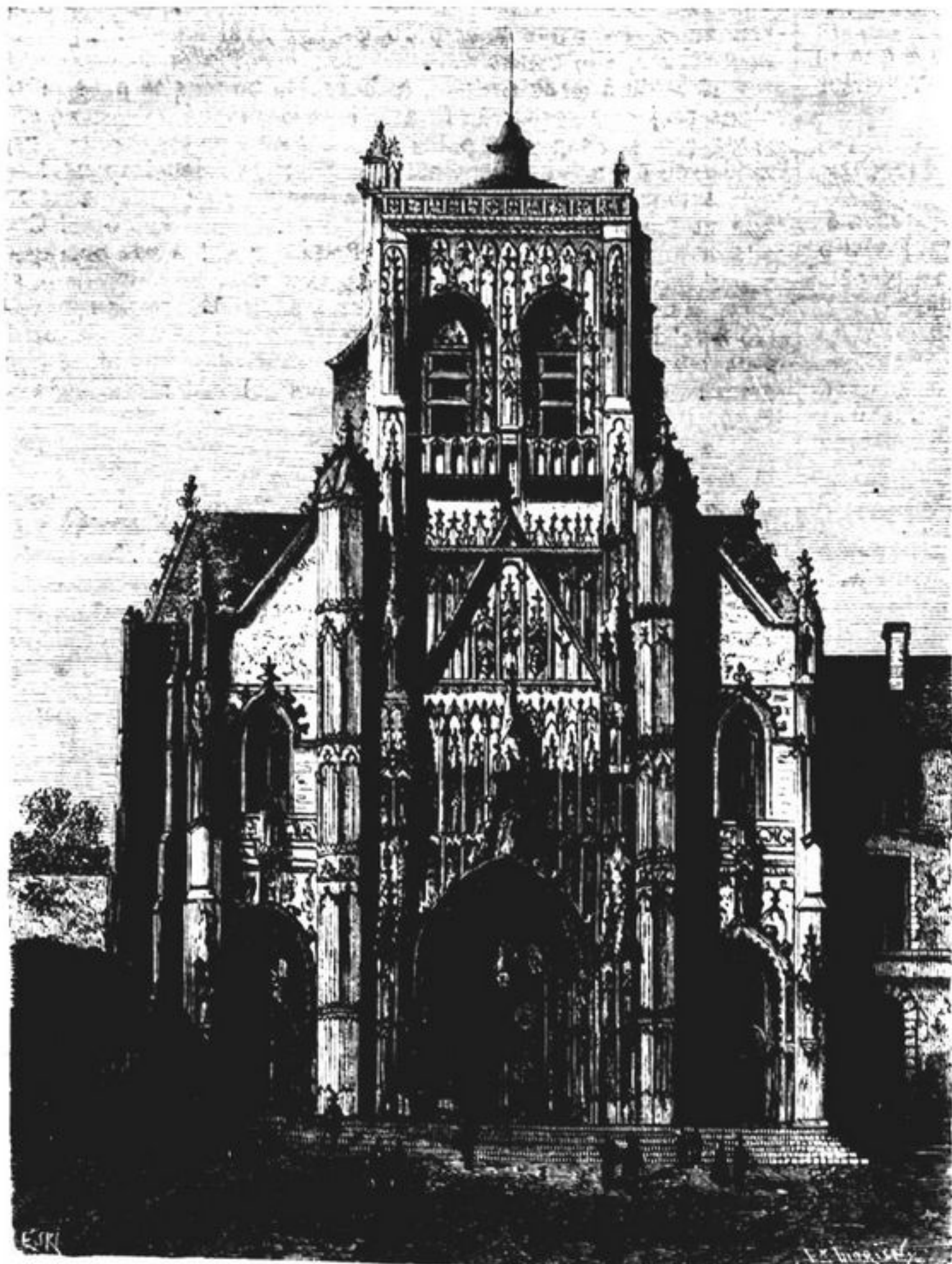
Arthur sempre veio n'essa tarde. Não teve forças para supportar aquelle isolamento cruel a que espontaneamente se condemnara. Abraçaram-se por muito tempo, com uma especie de frenesi, n'uns impulsos amantissimos. Depois, ella lançou-lhe um olhar muito triste e as lagrimas corriam-lhe em fio, involuntariamente. Não pôde resistir mais, o Arthur. Contou tudo, tudo e, por fim, pegando-lhe nas mãos, propoz-lhe a fuga para a noite seguinte, como unico meio de se pertencerem. Que viveriam na

Foz, em casa d'elle, sempre juntos, muito juntos, concentrados apenas na sua paixão imperecivel, esquecidos do mundo, da familia, de tudo. Ella ouvia-o com amor e chorava, chorava mansamente. Como deixar a mãe, tão velhinha, e os irmãos tão novitos? Mas Arthur não desistia. O amor tinha de vencer. Sim... iriam no comboio da madrugada... muito em segredo...

Elle então enlaçou-a ternamente nos braços e bebeu-lhe as lagrimas n'um beijo longo... longo...

Na madrugada do dia combinado partiram em direcção a uma das estações mais proximas do caminho de ferro. Irrompia a aurora, ao de leve. As flôres punham no ambiente emanações embriagadoras e em torno fazia-se ainda um silencio grave, profundo, mysterioso como um tumulto. Só um rouxinol soltava notas tristes e maguadas, como um ultimo adeus á moreninha, de olhos negros e humidos, de dentes pequeninos, brancos, muito brancos. Meção frio.

EDUARDO FRIAS.



ABBADIA DE SAINT-RQUIER

GRANDE SUCCESSO LITTERARIO

AS DAMNADAS DE PARIS

No proximo sabbado começa a publicação em cadernetas d'este notavel romance, que está sendo publicado em folhetim no *Diario Illustrado*.

E' este o romance que maior successo tem tido modernamente.

A edição será de luxo, em magnifico papel assetinado e illustrada com cento e tantas gravuras.

Cada caderneta de 24 paginas in-4.º — 60 réis. — Assigna-se no escriptorio do *Diario Illustrado*, travessa da Queimada, 35. — AINDA SE ACCEITAM ASSIGNATURAS.